

Escola luta para dar mais aulas

Sérgio Moraes

Manter o aluno mais tempo na escola — conforme querem educadores e governo — exige verdadeira ginástica por parte das secretarias de educação, até que se chegue à situação ideal: ano letivo com 200 dias ou mais, o mínimo de seis horas de aulas, um ou dois turnos e turmas pequenas. Os 200 dias letivos determinados, em janeiro, pelo Ministério da Educação para serem adotados a partir deste ano, estão na pauta da maioria dos estados e municípios, que aproveitarão o novo prazo de aulas para aprofundar mais as disciplinas curriculares. Mas o aumento da carga horária escolar diária, outra indicação governamental, ainda está longe de acontecer: depende da construção de novas salas de aula.

O estado de São Paulo, o mais rico do país, não cumprirá o alongamento do ano letivo para 200 dias. Secretarias estadual e municipal alegam que a medida veio isolada, desvinculada de outras providências, como o estabelecimento de um piso nacional de salários para os docentes e melhor condição de trabalho nas escolas. No Rio, o presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino, Paulo Sampaio, é contra o ano letivo maior, embora a rede particular o tenha adotado. Para ele, os 20 dias a mais deveriam ser usados para reciclar o professor.

Em Pernambuco, as 1.400 escolas da rede pública e as 900 da particular terão os 200 dias letivos. Mas a criação de turnos de seis horas, em vez dos de quatro atuais, não vai acontecer tão cedo, pois requer a duplicação do número de sala de aulas do estado. "No momento, as escolas funcionam com até quatro turnos, para poder atender aos 845 mil alunos matriculados", conta diretora de Coordenação de Ensino da secretaria de Educação, Aída Monteiro.

Em Curitiba, onde só a partir do ano que vem se começará a diminuir de três para dois o número de turnos, muitas escolas terão que continuar com três turnos, para atender à demanda de cerca de 200 mil alunos. A secretaria de Educação de Fortaleza, Solange Rosa Marques, considera o aumento da carga horária nas escolas "uma mudança radical nos costumes educacionais e sociais, que requer altos investimentos". Para ela, é necessário planejamento cuidadoso, que inclui a capacitação de docentes e a criação de novas salas de aula, o que deve manter as escolas cea-



As crianças gostam de ficar mais tempo na escola

renses com três turnos por algum tempo, ainda.

No regime de três turnos, o aluno tem quatro horas de aulas, mas, na prática, esse período é menor, além de o atendimento se dar em condições desconfortáveis. Não há tempo de se limpar a escola entre um turno e outro; o recreio, de apenas 15 minutos (em vez da meia hora habitual), acaba se estendendo; e outros quinze minutos são tomados das aulas para que a hora da saída de um turno não colida com a de entrada do seguinte.

"Sabemos que com isso tiramos do aluno um bom período de aula", admite a diretora do Departamento de Administração Escolar da Secretaria de Estado de Educação do Rio, Corina Wellish. Ao passar para dois turnos, o

tempo fica mais folgado para essas tarefas e os alunos têm a garantia de quatro horas de aula reais — um quadro melhor mas ainda distante das seis horas desejadas.

A ex-secretária municipal de Educação do Rio, Maria Yedda Linhares, à frente da pasta entre 1983 e 1986, assegura que é possível dar mais tempo de aula aos alunos. Em seu mandato, quando a maioria das escolas tinha até cinco turnos, ela conseguiu deixar toda a 1ª série do 1º grau com apenas dois turnos. "Era um ponto de estrangulamento. Havia altíssimo índice de repetência da 1ª para a 2ª série e era preciso tomar uma providência imediata", conta. "O importante é cogitar esforços nas situações de emergência. E isso é questão de vontade política", ensina.

Acomodar alunos exige imaginação

A Escola Municipal Bahia, em Bonfim, zona da Leopoldina, no Rio, com 1.800 alunos e três turnos, já começou a tomar providências para ficar com um turno a menos, a partir do ano que vem. Abriu apenas quatro turmas de 1ª série, em vez das nove habituais, para diminuir o número de alunos que, até o ano passado, era de 2.050. Assim, acabou obrigando os pais a procurarem as escolas vizinhas — há três Cieps nas redondezas — cuja capacidade ainda não estava esgotada.

Essa providência, no entanto, é insuficiente. Para extinguir o terceiro turno, a Escola Bahia também está enveredando por um caminho condenado pelos educadores: diminuir o número de turmas, mantendo o mesmo número de alunos, tornando as turmas abarrotadas. As 60 turmas que funcionavam até o ano passado foram reduzidas a 48. "Se não aumentarmos as turmas, não há como terminar com o terceiro turno", diz a diretora Evanina Malheiro, mostrando que é preciso se construírem mais salas de aula.

Na 4ª série, a professora Maria Teresa Marsico precisa se desdobrar para dar conta de seus 44 alunos — quando o número máximo determinado em portaria da Secretaria Municipal de Educação é de 35. "Não há condição de atender", queixa-se. A professora procura superar a carência da hora do recreio fazendo atividades de recreação dentro da sala, ligadas ao programa curricular.

Se depender da opinião dos alunos, é importante que as escolas aumentem a carga horária escolar. Ao lado dos que consideram suficiente o período que passam na escola, "para sobrar tempo para outras coisas", há os que gostariam de vê-lo se prolongar. "Eu queria ficar mais na escola. Ia aprender muito mais e quando fosse fazer prova ia ser garantido passar de ano", analisa Daniel Querino de Lima, 11 anos, na 4ª série. "Em casa, a gente não tem muita coisa para fazer", acrescenta a colega de turma, Mônica da Silva.

O Colégio Estadual Vila Bela, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, que até dois anos atrás tinha três turnos, e agora funciona com dois, já sentiu alguma diferença. "Antigamente, com 15 minutos de recreio, os alunos mal tinham tempo de merendar. Não se pode almoçar em quinze minutos, principalmente pratos quentes como a polenta, habitual no cardápio da escola", conta a diretora adjunta do colégio, Eliane das Chagas. Segundo ela, os alunos voltavam para a sala muito agitados. "Agora, podemos até programar atividades pedagógicas para o tempo de recreio", diz.